

PROJETO DE PESQUISA: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE SOCIALIZAÇÃO EM UMA COOPERATIVA DE RECICLAGEM DE PORTO AMAZONAS/PR

Lillian Cristina Cruvinei Torres ¹

Robson Laverdi ²

Palavras - chave:

Cultura, reciclagem, catadores de material reciclável, história oral, experiência.

INTRODUÇÃO

Resumo: Nas últimas décadas, o avanço do capital estimulado pelo consumo desenfreado, provocou consequências danosas ao meio ambiente, sendo uma delas a intensa produção de resíduos. Somando-se a isso, as altas taxas de desemprego geradas também neste sistema, surgiu e tornou-se crescente a ocupação de catador de material reciclável. Trabalhando com o descarte, esses sujeitos, muitas vezes, sofrem exclusão e preconceito nos diversos espaços de socialização. A partir das reflexões sobre cultura e experiência, desenvolvidas por E. P. Thompson e Raymond Willians e um conjunto de narrativas produzidas com trabalhadores da reciclagem, busca-se neste projeto de pesquisa, compreender as vivências e as práticas de sociabilidade (re) inventadas na Cooperativa de Trabalho de Recicladores de Porto Amazonas (COOCARPA), no município de Porto Amazonas/PR. A metodologia elencada destaca potencialidades no trabalho com história oral de vida, principalmente, de classes não hegemônicas como a dos recicladores. Como fontes, destaca-se um conjunto de entrevistas produzidas em um projeto de extensão da UEPG, na COOCARPA. Essas narrativas revelam a complexidade desse grupo de trabalhadores, invisibilizados socialmente, que possui comportamentos, modos de agir e falar e visões de mundo bastante próprios.

Nas últimas décadas, a produção excessiva de lixo estimulada pelo consumo desenfreado do sistema capitalista, propiciou o surgimento de um novo sujeito no mundo do trabalho: o “catador” de material reciclável. Entretanto, a existência de pessoas que vivem do lixo não é recente no Brasil. A figura do catador já era relatada através dos “garrafeiros”, presentes nos bairros e vilas das cidades no início do século XX. Com o passar dos anos e o crescimento das cidades, pessoas iniciaram o processo de “catação” nas ruas pela venda de papel e de sucata de metal. Porém, ainda não haviam se espalhado por todo o país e estavam longe de se constituírem como uma das populações trabalhadoras mais numerosas da atualidade (BOSI, 2008, p.103).

Em meados da década de 1980, algumas discussões apontavam que produtos descartáveis, que têm vida curta no ciclo de consumo capitalista, tornaram-se um dos maiores problemas ambientais urbanos. Tais discussões ganharam força com a realização de uma conferência promovida pelas Nações Unidas no Brasil, mais conhecida como ECO 92, onde “as questões ecológicas apareceram mais claramente para a humanidade por ser uma questão de sobrevivência do planeta” (SCARIOT, ACKER, 2014, p.2). Nesse momento, o movimento dos catadores também obteve maior visibilidade, afinal, o lixo precisava ser recolhido e reciclado para manutenção do planeta, e o catador, na maioria das vezes excluído do mercado formal de trabalho, encontrava na comercialização desses resíduos uma fonte de renda que assegurasse o seu sustento.

Assim, diversos municípios em todo o país implantaram o sistema de coleta seletiva, permitindo que catadores individuais formassem associações e cooperativas para a prestação de serviços (PINHEL, 2013). Ocorreu, concomitantemente, o trabalho de organizações não governamentais, instituições sociais, incubadoras universitárias e poder público com o intuito de promover a inclusão social e econômica desses trabalhadores. Dessa forma, iniciou-se a trajetória organizacional dos catadores, culminando na realização do I Encontro

¹ Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Atualmente, é aluna regular do PPGH/UEPG.

² Orientador. Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense-UFF. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

tro Nacional dos catadores de papel e material rea-proveitável em 1999, na cidade de Belo Horizonte, onde foi criado oficialmente o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCMR).

De acordo com o MNCMR, a maior conquista no decorrer do processo de organização foi interna, pois eles passaram a pensar e trabalhar pela mobi-lização da categoria. Com o passar do tempo, co-meçaram a perceber os outros trabalhadores da re-ciclagem como companheiros e não como concor-rentes. Consideraram que através da organização o preconceito e exclusão sociais seriam minimizados (SCHEWENGBER, 2015, p.16).

Atualmente, os catadores podem ser divididos em quatro categorias: os catadores de lixão, que recolhem os materiais em aterros ou lixões a céu aberto, embora exista legislação que proíba a per-manência de pessoas nesses espaços; os catadores de rua, que trabalham individualmente recolhendo material reciclável de casas, comércios, fábricas e indústrias, transportando a carga em meio adaptado como, por exemplo, em carroças ou gaiotas; cata-dores empregados em empresas privadas; e cata-dores cooperados, organizados de forma autoges-tionária, constituindo cooperativas e associações de economia solidária.

Dentro desse contexto da reciclagem e enqua-drando-se na última categoria citada, como organi-zação produtiva regida pelos princípios do coopera-tivismo popular e da economia solidária, destaca-se a Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Mate-riais Recicláveis de Porto Amazonas (COOCARPA), localizada no município de Porto Amazonas, no sul do estado do Paraná. O empreendimento foi criado no ano de 2007, através de parcerias firmadas entre os trabalhadores da reciclagem, a Fundação Banco do Brasil, a Prefeitura Municipal de Porto Amazo-nas e a Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com a finalidade de gerar renda para pes-soas excluídas ou com dificuldades de inserção no mercado formal de trabalho.

Inicialmente, a COOCARPA constitui-se com seis trabalhadores, porém, passou a atender a um número maior devido a insuficiente oferta de em-prego na cidade. Atualmente, Porto Amazonas pos-sui como principal atividade econômica a agricultu-ra, destacando-se o cultivo de maçã. Contudo esse tipo de serviço emprega sazonalmente, absorvendo a mão de obra excedente apenas em alguns meses

do ano. Esse movimento pode ser percebido, inclu-sive, no efetivo da cooperativa, com baixas na pro-dução no período de safra da fruta.

A colaboração da IESOL, foi de significativa impor-tância para a estruturação do grupo, pois foi disponibilizada equipe técnica para atuar na capta-ção de recursos e acompanhamento na execução do projeto financiado pelo Banco do Brasil, que re-sultou na construção do barracão da cooperativa. Além disso, a proposta de organização interna tam-bém se deu pelo contato estabelecido com a Incu-badora, que promoveu um curso básico em Econo-mia Solidária e introduziu os princípios que regem esse tipo de empreendimento, como por exemplo, a autogestão (gestão compartilhada), horizontalida-de nas relações, solidariedade entre os membros, sustentabilidade ambiental, dentre outros.

A IESOL, programa de extensão da UEPG, tam-bém caracterizada como Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP), constitui-se de for-ma inter e multidisciplinar, formada por professores, alunos de graduação e pós-graduação e funcional-rios, pertencentes as mais diferentes áreas do co-nhecimento. Como outras entidades universitárias, “atende grupos comunitários que desejam trabalhar e produzir em conjunto, dando-lhes formação em cooperativismo e economia solidária e apoio téc-nico, logístico e jurídico para que possam viabilizar seus empreendimentos autogestionários” (SINGER, 2002, p.123). Dessa forma, a relação estabelecida com a COOCARPA permanece até os dias atuais, com o objetivo de atender demandas trazidas pelos associados e contribuir com a consolidação do em-preendimento.

Dentre as diversas atividades de extensão que fo-ram desenvolvidas no atendimento desta comunidade, cabe ressaltar o projeto “Memória, economia solidá-ria e inclusão social de recicladores da ARREP (Ponta Grossa) e ARPA (Porto Amazonas)”, executado entre os anos de 2014 e 2016, por professores do Departamen-to de História (DEHIS/UEPG), em parceria com a IESOL. O projeto buscava produzir entrevistas de his-tória oral de vida com os trabalhadores da reciclagem nessas duas instituições, com a perspectiva de:

Somar esforços às práticas de economia solidária da IESOL/UEPG, junto aos trabalhadores vinculados à ARREP (Ponta Grossa) e ARPA (Porto Amazonas), pela via afirmação do direito à memória, no sentido de contribuir com novas expressões e sensibilidades de autoestima e empoderamento coletivas dos en-volvidos. (CARVALHO, 2014, p,5)

3 Tradução: “No suor de teu rosto, comerás o pão” (Gênesis 3:9).

No início foram realizadas reuniões e rodas de memórias com os recicladores para apresentação do projeto e recrutar voluntários que manifestassem interesse em narrar suas histórias de vida. O projeto se desenvolveu com êxito na ARPA (COOCARPA) onde a receptividade à proposta foi maior, sendo geradas catorze entrevistas, durante os 18 meses de vigência.

Dante da riqueza do material produzido, onde os trabalhadores narram suas trajetórias itinerantes e muitas vezes esgarçadas, demonstrando as percepções que possuem sobre a função laboral que exercem e como se adequaram e/ou adaptaram às práticas do trabalho coletivo, surgiram as questões que mobilizaram essa pesquisa. Muitas vezes as falas não explicitam críticas, porém, análises aprofundadas podem revelar tensões, silenciamentos e valores apropriados ao longo da vida desses trabalhadores.

Para melhor compreensão da problemática instituída nesse projeto, optou-se primeiramente pelos estudos de Raymond Williams sobre cultura, quando este último afirma que:

A cultura é algo comum a todos: este é o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções. (WILLIAMS, 2015, p.5).

Ao afirmar que a cultura é algo comum a todos, independentemente de classe social ou acúmulo de conhecimento, Williams evidencia os modos de vida de classes não hegemônicas, demonstrando que eles possuem suas próprias instituições, comportamentos diversificados, modos de falar e outras formas criativas.

Thompson também colabora com o debate ao observar as recusas ou negligências dos costumes de uma cultura popular. Considerando-os discretas sobrevivências, o autor enfatiza que os deixando para trás perde-se algo “sui generis: ambivalência, mentalité, um vocabulário completo de discurso, de legitimação e de expectativa” (THOMPSON, 1998, p.14). Contudo, a maior contribuição deste teórico nesta pesquisa, trata-se do conceito “experiência”, por ele desenvolvido. Thompson considera que a cultura é engendrada no âmago da experiência social. Esta, por sua vez, constituída por experiências individuais e coletivas, revelam-se em determinados

espaços com mudanças, resistências, solidariedades e práticas de sociabilidade. Dessa forma, justifica-se o aporte teórico, para melhor compreender os sentidos e como são reelaboradas as práticas cotidianas dos recicladores na COOCARPA, através das suas narrativas.

A realização dessa pesquisa também possibilita a constituição de um repositório de histórias orais de vida de trabalhadores, dando mais visibilidade aos sujeitos e permitindo que a memória coletiva da cooperativa seja preservada. Além disso, quando as entrevistas estiverem disponibilizadas para a comunidade acadêmica, poderá compor fontes para inúmeras pesquisas, em diversas áreas do conhecimento.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

- Compreender as experiências dos trabalhadores e as práticas de sociabilidade em uma cooperativa de reciclagem, organizada sob os princípios da economia solidária, no município de Porto Amazonas/PR.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Historiar as trajetórias de vida narradas pelos trabalhadores e trabalhadoras da COOCARPA;
- Demonstrar como se deu a organização social do espaço produtivo coletivo;
- Compreender como foram (re)inventadas as práticas de sociabilidade na cooperativa;
- Analisar o processo de constituição identitária dos recicladores nos espaços sociais narrados em torno da COOCARPA.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa, num primeiro momento, será realizado um levantamento bibliográfico sobre os conceitos utilizados no trabalho, para que então, os esforços sejam concentrados no aprofundamento teórico que possibilite a compreensão da problemática. A principal categoria utilizada é “experiência”, originada nos estudos de E. P. Thompson e que permitirá entender o caráter social do movimento dos catadores e os

modos pelos quais se organizam e experimentam a realidade. Nesse sentido, é possível encontrar apoio na historiografia, pois os sujeitos são entendidos nas suas multiplicidades de experiências e vivências.

A metodologia norteadora do desenvolvimento do trabalho será a história oral, pois pretende-se compreender através das narrativas as articulações, práticas e formas de se relacionar que os trabalhadores lançam mão para conviver na cooperativa. Uma observação de Portelli é pertinente para o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente, ao abordar o trabalho do historiador.

Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para história das classes não hegemônicas, elas não são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante. Não obstante o controle do discurso histórico permanece firmemente nas mãos do historiador. É o historiador que seleciona as pessoas que serão entrevistadas, que contribui para a moldagem do testemunho colocando as questões e reagindo às respostas; e que dá ao testemunho, sua forma e contexto finais (mesmo se apenas em termos de montagem e transcrição). (PORTELLI, 1997, p. 37)

No trabalho com história oral, ou nas pesquisas históricas, que escolhem esse aporte metodológico, observa-se diversas potencialidades, na mesma medida em que são enfrentados vários desafios. Faz-se necessário observar alguns procedimentos para conferir rigor científico à investigação. Esses procedimentos constituem-se a partir de um ordenamento de tarefas que incluem desde a preparação das entrevistas, o convite aos participantes explicando a finalidade da pesquisa, o manejo das tecnologias de gravação, o ato de entrevistar, até a interpretação e análise das narrativas.

No caso específico desse projeto, há um conjunto de entrevistas já realizadas, que se encontram em tratamento (transcrição e conferência). No entanto, no momento das análises é primordial relativizar a carga de subjetividade e singularidade nessas fontes:

Talvez a maior característica desse tipo de fonte – os depoimentos – não seja a subjetividade, mas a singularidade da narrativa, isto é, o fato de que cada narrativa constitui uma articulação, singular, feita por alguém. Trata-se de uma narrativa que traduz – sempre – a perspectiva pessoal que o indivíduo tem sobre a própria experiência ou sobre um tema específico. Creio que essa é uma colocação fundamental para compreendermos de fato, aquilo que é mais precioso em um depoimento, a articulação que cada narrativa usa para construir sua própria história. Essa articulação explica as relações de causa e efeito, as definições das tramas e os destaques dados

ao conjunto de eventos. Ela traz a singularidade de cada narrador. (...) A narrativa é sempre um olhar, uma perspectiva. (WORCMAN, 2013, p. 150)

Nesse contexto, Portelli argumenta que as entrevistas de história de vida contam menos sobre eventos ou fatos, porém, contam mais sobre os significados que o indivíduo atribui. Para ele:

Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito o que sabemos (...), mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos. (PORTELLI, 1997, p. 31)

Isso não quer dizer que documentos orais são falhos ou mesmo falsos. Apenas demonstram que a memória é algo mutável, ou seja, um processo ativo de criação de significações. Assim, “a utilidade específica das fontes orais para o historiador, repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado, mas nas muitas mudanças forjadas pela memória” (PORTELLI, 1997, p.33). Tais mudanças apenas revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e contextualizar a sua narrativa.

No decorrer da pesquisa também será utilizada a observação direta no relacionamento com esses trabalhadores. Esses momentos ocorrerão mensalmente, pois a proponente é integrante da equipe de incubação da IESOL, que acompanha o empreendimento através de visitas mensais.

FONTES

As fontes utilizadas serão, principalmente, as entrevistas de história oral de vida produzidas com os trabalhadores da COOCARPA. Atualmente o repositório é constituído por 14 entrevistas de 7 homens e de 7 mulheres, com faixa etária bastante diversificada, contabilizando, aproximadamente, 13 horas de gravação. Os áudios no formato mp3 encontram-se disponíveis em um sistema de armazenamento virtual e em um dispositivo de armazenamento magnético, sob a tutela de técnicos da IESOL. As transcrições quando finalizadas, ficarão armazenadas nos mesmos dispositivos anteriormente citados.

As narrativas foram produzidas em quatro sessões, durante os 18 meses de duração do projeto realizado pelo DEHIS, em parceria com a incubadora. No desenvolvimento das entrevistas foram utilizadas perguntas abertas, por permitirem ao entre-

vistador elaborar novas questões de acordo com o que era respondido. Entretanto, observa-se que as mesmas foram norteadas por eixos temáticos, onde o primeiro aborda a trajetória biográfica e a pessoa narra livremente sobre sua vida, infância e adolescência; no segundo eixo, a vida laboral do sujeito é enfatizada, permitindo que ele relate as experiências no mundo do trabalho e os caminhos que o levaram a trabalhar na reciclagem, sob a perspectiva da economia solidária; e no terceiro e último eixo, trata-se das expectativas de futuro e a visão de mundo do informante. Cabe ressaltar que estes eixos foram desenvolvidos de forma sutil, sendo perceptíveis apenas a partir da análise geral do conjunto de entrevistas.

Outras fontes utilizadas são os documentos gerados no trabalho de incubação da IESOL com a COOCARPA, como por exemplo, relatórios de visitas, atas de reuniões, fotos, projetos elaborados, clippings e dossiês anuais. Esses documentos encontram-se arquivados na sede da IESOL, e são disponibilizados para pesquisa constante dos integrantes da equipe. Também serão utilizados documentos oficiais como os estatutos e regimentos que normatizam o funcionamento da cooperativa, mantidos nos arquivos da instituição. Além de alguns documentos legislativos, como a Lei 12.305/10, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, disponível nos meios digitais.

No ano de 2009, foi produzido um documentário sobre a história da cooperativa, também realizado pela IESOL, dessa vez em parceria com o Departamento de Jornalismo da UEPG. Este também será um item utilizado na composição das fontes, e possui livre acesso, pois está disponível virtualmente.

CRONOGRAMA

Inicialmente, buscar-se-á cursar as disciplinas obrigatórias do mestrado no primeiro ano, para que haja tempo e exclusividade para a elaboração da dissertação no segundo. O levantamento bibliográfico, incluindo fichamentos e leituras é constante, pois há várias obras a serem estudadas, dos autores que discorrem sobre os conceitos envolvidos no projeto.

No primeiro semestre, caso haja necessidade, serão realizadas entrevistas com os trabalhadores que ainda não participaram. Todas as entrevistas serão trabalhadas (transcritas e conferidas) no primei-

ro ano do mestrado, para que possam ser analisadas profundamente em relação as leituras realizadas.

Além das entrevistas, as demais fontes (documentário, clippings, estatuto da associação e cooperativa e atas de reuniões) serão inventariadas e sistematizadas, para que sejam confrontadas com as narrativas e auxiliem a confecção da dissertação, já no primeiro semestre do segundo ano e antes da qualificação do trabalho.

Após a qualificação, no décimo oitavo mês, haverá uma nova análise das entrevistas e leituras e, atendendo as considerações da banca, provavelmente, com novas problematizações. Dessa forma, partir-se-á para a redação final do trabalho e defesa, respeitando os 24 meses propostos pelo programa (PPGH).

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSK, CARLA BASSANEZI (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

ANSBACH, Osmar. **Navegando na memória**: o patrimônio cultural da extinta hidrovia do rio Iguaçu. 2008. Dissertação de Mestrado em Geografia (área de concentração em Gestão de Território) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 23, n. 67. São Paulo, junho de 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt&ext&pid=S0102-69092008000200008. Acesso em: 29 de março de 2016.

CARVALHO, Alessandra. **Memória, economia solidária e inclusão social de trabalhadores de reciclagem da ARREP (Ponta Grossa) e ARPA (Porto Amazonas)**. Projeto de extensão aprovado pela Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Culturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014,

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-mo-**

⁴ Tradução: “Não terias nenhum poder sobre mim se não tivesse sido dado por Deus”.

dernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PINHEL, R. **Do lixo a cidadania:** guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis. São Paulo: Editora Petrópolis, 2013.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, v. 14, fev. 1997b. Disponível em: [em: http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240](http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240) Acesso em: 15 de janeiro de 2017.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, v. 14, p. 7–24, fev. 1997a.

SCARIOT, Nadia; ACKER, Celso Henrique. **História de vida e exclusão social:** os catadores de lixo reciclável em Ijuí. 2014. Disponível em: http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo_scariot_acker.pdf Acesso em: 29 de março de 2016.

SCHWENGBER, Daiana (et al). **Recicladores de histórias, catadores de sorrisos.** Porto Alegre: Cirkula, 2015.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Costumes em comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança.** São Paulo: Editora Unesp, 2015.

WORCMAN, Karen. História oral, histórias de vida e transformação. In: **Depois da Utopia.** São Paulo: Letra e Voz, 2013.